

Para presidente, desemprego não é dramático

GLOBO

Na Sorbonne, FH ouve elogios e responde a perguntas sobre o Brasil

FAC - Viagem

30 MAI 1996

Gustavo Miranda

Helena Celestino

Correspondente

● PARIS. "É demais para mim". Assim Fernando Henrique reagiu ao ser condecorado com a medalha da Chancelaria das Universidades de Paris, na Sorbonne, depois de ter passado o dia sendo homenageado. Com todas as honras da Guarda Republicana, bandas de música e tapete vermelho, foi recebido pelo primeiro-ministro Alain Juppé, pelo prefeito de Paris, Jean Tiberi, e pelo presidente da Assembléia Legislativa, Philippe Seguin. Passou pela Unesco para inaugurar uma exposição do pintor pernambucano Cícero Dias e participou de uma mesa-redonda com intelectuais franceses na Sorbonne. Lá, foi perguntado pelos professores sobre a devastação da Amazônia, o aumento do desemprego, a redistribuição da terra e as desigualdades sociais.

— Como um presidente enfrenta essas questões e ao mesmo tempo responde à desordem causada pela globalização da economia? — perguntaram.

Fernando Henrique expôs os programas de saúde e educação que vem pon-do em prática, falou da reforma agrária, da regulamentação das reservas indígenas e da intenção de aumentar os salários dos professores. Reconheceu que há muito a fazer e que às vezes se sente impotente diante das expectativas da sociedade, mas fez questão de ressaltar as particularidades brasileiras.



FERNANDO HENRIQUE chega ao Quai D'Orsay com o primeiro-ministro Alain Juppé

— O desemprego no Brasil não é dramático, apesar de estarem dramatizando — disse, explicando que o que há é uma redução do emprego em São Paulo porque as empresas estão se mudando para outras regiões do país em busca de mão-de-obra mais barata e para fugir da influência dos sindicatos.

O presidente foi muito elogiado, como político e como intelectual.

— Todas essas homenagens me tocam o coração. Essas palavras tão generosas não são para mim, o homem, o

professor ou o político Fernando Henrique, mas para o Brasil — agradeceu.

Ao lado de Edgar Morin, diretor de estudos do Centre National de Recherches Sociales; do político Jacques Delors, ex-presidente da Comissão Europeia; de François Furet, ex-presidente da École des Hautes Études en Sciences Sociales; do economista Ignacy Sachs, do sociólogo Alain Touraine e da reitora, Fernando Henrique lembrou dos tempos de aluno na Sorbonne. Mas, depois da nostalgia, começou o debate.